

TERCEIRA PARTE

CAPÍTULO 10

CONCLUSÃO

Gn 18,16-33 e Is 52,13-53,12: Da não-aniquilação do justo com os pecadores à aniquilação do justo em favor dos pecadores (*síntese*)

Para concluir este trabalho, queremos retomar os resultados principais da análise dos textos feita nos capítulos anteriores, com o fito de: a) apontar as diferenças entre os textos; b) descobrir suas afinidades e semelhanças; c) ressaltar a especificidade de cada um.⁷⁹¹

10.1. Diferenças entre Gn 18,16-33 e Is 52,13-53,12

À primeira vista esses dois textos não teriam muito em comum, pois pertencem a *corpora biblica* diferentes: um é um texto do Pentateuco, prevalentemente narrativo, outro é um texto profético, eminentemente poético.

Em Gn, parece que fala um teólogo, professoralmente, pregando a observância da lei como condição para o cumprimento das promessas. Abraão é um tipo de servo (justo) que observa as cidades, de cima e de longe, antes e depois da destruição. Seu envolvimento com a cidade é um tanto abstrato, intelectual, afetivo até, se

⁷⁹¹ Advertimos que esta parte é a que conterà menos referências bibliográficas pelo simples fato de que, como já acenamos, nenhum autor, até hoje, quanto nos é dado saber, empreendeu um confronto destes dois textos, quer no aspecto literário, quer no teológico.

concedermos que ele age como uma espécie de profeta-intercessor, tendo em mente, quiçá, seu sobrinho Lot, a quem ele queria preservar.

Ele lida com teses teológicas sobre a justiça de Deus e faz cálculos matemáticos. Em sua assepsia teológica, Gn dá uma resposta ao problema apelando para a observância da lei, reafirmando a justiça de Deus, a possibilidade aberta de que os méritos dos justos pudessem mudar o destino dos pecadores. Se isto não foi possível ali, é porque o texto quis ressaltar a irrecuperabilidade de certas situações e arranjos humanos: Deus destrói para construir (cf. Parte I, 4.3.2).

O Servo de Is, ao contrário, caracteriza-se pelo silêncio e mudez: não pronunciou uma palavra sequer — “não abriu a boca” (53,7). A ele se referem, cada um a seu modo, IHWH e o grupo-nós. Ademais, ele é o justo que sentiu na própria pele o sofrimento, um sofrimento que não lhe cabia; paradoxalmente, ele é que é “destruído”.

10.2.

Pontos de contato entre Gn 18,16-33 e Is 52,13-53,12

Não obstante as diferenças óbvias entre os textos, pudemos constatar que existe entre eles íntima pertinência (não necessariamente dependência literária) do ponto de vista contextual, temático, formal (literário) e conteudístico (teológico).

Contextual porque ambos têm como pano de fundo o mesmo contexto histórico — o período do exílio e do pós-exílio (cf. Parte I, 2.1, para Gn 18,16-33 e Parte II, 8.1, para o IV CSI); temático, porque lidam com a mesma problemática da misericórdia e da justiça de Deus (justificação dos homens), para a qual ambos dão uma resposta (cada qual do seu jeito, cf. Parte I, 2.3 e Parte II, cap. 9); formal (literário) pela semelhança na composição, e conteudístico pelo teor teológico. Destes dois últimos aspectos é que nos ocuparemos, à guisa de síntese e de conclusão: a confrontação dos dois textos no nível literário e teológico pode revelar-se surpreendentemente fecunda.

10.2.1. Semelhanças formais entre Gn 18,16-33 e Is 52,13-53,12

Começando pelo aspecto meramente formal, podemos observar que os dois textos possuem estrutura literária bastante semelhante, ou seja, *dois discursos de IHWH emolduram uma porção central*.

10.2.1.1. Gn 18,16-33

Em Gn, depois do v. 16, que funciona como uma transição, temos a reflexão de IHWH (vv. 17-19) e o início do diálogo, provocado por IHWH (vv. 20-21; cf. Parte I, 1.6.3). A última palavra do diálogo também cabe a IHWH — “E ele (IHWH) respondeu: ‘Não destruirei em atenção aos dez’” (v. 32b). O v. final, por sua vez, corrobora a idéia de que IHWH começou e concluiu o diálogo: “*E partiu IHWH ao acabar de falar a Abraão*” (v. 33). Antes que Abraão se aproximasse de IHWH, ele já lhe fora ao encontro — tanto na cena da visita (18,1-15), quanto no começo da perícopre propriamente dita, na reflexão de IHWH (cf. Parte I, 1.6.2).

Nos versículos que compõem a parte central, Abraão age como protagonista, cabendo-lhe as falas mais longas, retomando sempre o diálogo, marcado por muitas perguntas e algumas afirmações. A IHWH toca papel meio secundário: não pergunta, não questiona, simplesmente responde, do começo ao fim, com palavras cujo teor é idêntico: se forem encontrados justos na cidade, haverá perdão, e não destruição.

Assim, no proscênio vemos IHWH e Abraão, e como pano de fundo para o diálogo, temos as cidades e seus habitantes — ao que tudo indica, pecadores (e possíveis inocentes) prestes a conhecer o julgamento de IHWH, pois a respeito deles, sabe-se apenas que “o clamor contra Sodoma e Gomorra é forte, e seu pecado é grave” (v. 20).

10.2.1.2. Is 52,13-53,12

Já vimos como o texto de Is apresenta uma estrutura sustentada por dois discursos de IHWH (52,13-15 e 53,11b-12), que enquadram a parte central, protagonizada pelo “grupo-nós”. O **הִנֵּה** com que IHWH inicia sua fala pode ser interpretado como o começo de um diálogo que Ele próprio concluirá. Como nos discursos de IHWH em Gn 18, 17-19.33, o conteúdo dos dois discursos aqui é, praticamente, o mesmo, ou seja, a exaltação do Servo (cf. Parte II, 6.6.1).

Nessa parte central, quem faz o papel de ator principal é o “grupo-nós”: ele é que será porta-voz da questão teológica fundamental do texto; nele é que se operará uma profunda transformação à medida que acolhem a revelação de IHWH (cf. Parte II, 8.2).

Aqui, ao contrário de Gn, IHWH e o Servo é que permanecem como pano de fundo das reflexões do grupo-nós: este grupo fará constantes referências a IHWH e ao Servo. Pode-se, ainda, cogitar de um possível ‘diálogo’, inaudível, mas real, entre IHWH e o Servo, tanto mais que o Servo cresceu *diant*e de IHWH, o que lembra a postura de Abraão vis-à-vis a IHWH (Gn 18,22).

10.2.2. Semelhanças conteudísticas entre Gn 18,16-33 e Is 52,13-53,12

10.2.2.1. Gn 18,16-33

Gn 18,17-21 constituem o discurso inicial de IHWH (reflexão e provocação, cf. Parte I, 1.6.2 e 1.6.3). São quatro versículos relativamente longos. Neles IHWH revela algo de si mesmo, ainda que indiretamente: mostra-se um Deus que se compraz em revelar seus planos — o verbo **הִסְתַּרְתִּי**, ‘ocultarei’, usado na pergunta retórica, na forma afirmativa poderia tranquilamente ser substituído por ‘revelarei’ — , que age (**עָשָׂה**), que se faz íntimo das pessoas (**יִדְעָתִיו**), que promete e cumpre (**עָלִיו**)

(הַבַּיִת יְהוָה עַל־אַבְרָהָם אֵת אֲשֶׁר־דִּבֶּר). Ademais, é um Deus que ouve o clamor das pessoas, como em Êx 3,7 — (וְאַתָּה־צִעֲקָתָם שָׁמַעְתִּי), que não fica indiferente a esse grito, mas desce (אֲרִדְהָנָא), vê e põe-se a averiguar as razões do apelo, agindo de veras como criterioso juiz. A imagem de um Deus a um tempo justo e misericordioso transpõe ainda mais nitidamente no diálogo, em cada resposta de IHHW.

Nesse discurso, IHHW apresenta ainda certa ‘biografia’ de Abraão, partindo do ponto final de sua vida, quando se tornará uma nação grande e poderosa e causa de bênção para todas as nações da terra (percebe-se, mais uma vez, o uso do recurso proléptico, cf. Parte I, 1.6.3.1). O início dessa vida estaria no momento em que IHHW *conheceu* Abraão (כִּי יָדַעְתִּיו), verbo que evoca profunda intimidade. Este conhecimento remonta, obviamente, ao momento em que Abraão foi gerado (Gn 11,27). O desenvolvimento dessa existência estaria na obediência à palavra de IHHW, que lhe ordenava sair de sua terra e de sua parentela (Gn 12,1), no tornar-se bênção (ou maldição — cf. Parte I, 4.2.3) para todos os clãs da terra (12,3) e no ordenar aos filhos e às gerações futuras a observância do caminho de IHHW, na prática do direito e da justiça — comportamento a que Abraão obviamente também estava obrigado — como condição para a realização das promessas de IHHW. O final da vida de Abraão é descrito bem dentro dos moldes da doutrina da retribuição e do cumprimento das promessas de IHHW: uma velhice ditosa, “saciado (וְשָׂבַע) de dias”, aos cuidados de sua descendência (Gn 25,8).

10.2.2.2. **Is 52,13-53,12**

Os discursos de IHHW, em Is, também mostram sua vontade de revelar-se, aqui, sobretudo, na figura do Servo — הַגֵּה, “eis” —, diante de quem as multidões ficaram pasmadas e estupefatas, enquanto reis emudecerão ao verem e ao ouvirem coisas inusitadas (Parte II, 8.2). A intimidade com o Servo mostra-se bem na expressão “meu Servo”, presente no discurso inicial e no final (Is 52,13; 53,11), no

fato de o Servo estar realizando, nas vicissitudes de sua vida, o plano de IHHW (cf. Parte II, 9.2).

IHHW mostra-se outrossim como o Deus que ouve o grito do inocente — no caso, o clamor silencioso e oblativo de seu Servo — exaltando-o sobremaneira. Aqui, silenciosamente, ele expressa aquela confiança que brotou de suas palavras em outra ocasião: “O Senhor virá em meu socorro... Perto está aquele que defende minha causa... É o Senhor IHHW que me socorrerá” (Is 50,7.8.9.).

À semelhança do texto de Gn, o discurso inicial de IHHW (52,13-15) também contém uma espécie de ‘biografia’ concentrada do Servo, apresentada, mais uma vez, segundo a técnica proléptica: de forma elíptica no começo, de forma explícita no final (cf. Parte II, 6.6.1). A ‘biografia’ começa igualmente pelo fim, pelo êxito fenomenal do Servo — הַגָּה יִשְׁכִּיל עֲבָדַי יְרוּם וְנִשְׂא וְנִבְהָ מְאֹד (52,13) —, enquanto a parte central descreve seu itinerário.

O ‘nascimento’ do Servo está descrito nos assim chamados I e II CSI: “Eu, IHHW, te chamei para o serviço da justiça, tomei-te pela mão e te modelei — וְאֶצְרְךָ” (42,6). נָצַר tem como significado principal “guardar, defender”, mas é também traduzido por “modelar”, “formar”.⁷⁹² No contexto em apreço, o que justifica esta tradução é o v. precedente, que alude precisamente ao Deus que criou os céus e firmou a terra, que deu alento aos que a povoam e soprou de vida aos que se movem sobre ela (42,5).

Já o II CSI, ao lado do verbo וְאֶצְרְךָ e dos verbos “chamar” e “lembrar” (קָרָאָנִי, הִזְכִּיר), altamente significativos neste contexto, usa exatamente o verbo que aparece em Gn 2,7, quando se fala da ação de IHHW que modela o primeiro homem — וַיִּצְרֶה: “Desde o seio materno IHHW me chamou (קָרָאָנִי), desde o ventre de minha mãe pronunciou (lit.: “lembrou-se” — הִזְכִּיר) o meu nome... Mas agora disse IHHW, aquele que me modelou (יִצְרָה) desde o ventre materno para ser seu servo... Modelei-te (וְאֶצְרְךָ) e te pus por aliança do povo” (Is 49,1b.5a.8b).

⁷⁹² Cf. BJ e BP. Esta última, em Is 49,8, prefere traduzir por “defender”.

No IV CSI, temos o aceno ao crescimento e desenvolvimento (וַיַּעַל כִּי־יִנְק) do Servo (53,2); já o desempenho de sua missão, primeiramente mediante a palavra, pode ser percebido em outros textos, tais como no II e no III CSI: “De minha boca fez uma espada cortante” (49,2a), e “O Senhor IHWI me deu língua de discípulo para que soubesse trazer ao cansado uma palavra de conforto” (Is 50,4); e a referência ao fato de não ter havido engano na boca do Servo, mas somente a verdade (Is 53,9b).

Contudo, o vértice da missão do Servo encontra-se já no II CSI e, principalmente, na parte central do IV CSI, quando a eloquência da boca afiada como uma espada cortante e da língua de discípulo cederá a vez a um silêncio altissonante: “Ele não clamará, não levantará a voz, não fará ouvir a voz nas ruas” (42,2), e “... e não abriu a boca” (53,7). No desencargo de sua missão, em resposta à violência que lhe era infligida, ele *pratica* a não-violência (cf. acima, o comentário a Is 53,9). Esta atitude atinge o auge na oferenda da própria vida como מִשְׁכָּן (cf. Parte II, 8.2.2.4).

Ao que parece, o Servo não terminou sua carreira como Abraão, em idade avançada (Gn 25,8). Contudo, se o texto fala de veras de sua morte (Is 53,8.10.12) e até de ‘ressurreição’ (v. 11) é uma das tantas questões debatidas (cf. Parte II, 8.2.2.5). Seja como for, constatamos que o Servo, analogamente ao patriarca, alcançou, de algum modo, a saciedade e a plenitude: “...certamente verá uma descendência, prolongará seus dias... Após o trabalho fatigante da sua alma, verá a luz e se fartará” — יִשְׂבֹּעַ (Is 53,10-11);⁷⁹³ receberá sua parte nos despojos e sua ‘descendência’ poderá incluir um quinhão entre as multidões (v. 12).

Existe ainda um paralelo interessante entre as duas figuras: em Gn 18,19, IHWI “conheceu” (יָדַעְתִּיךָ) Abraão para que este ordenasse a observância do caminho do Senhor, o cumprimento do direito e da justiça; em Is 53,11, pelo seu “conhecimento” (יָדַעְתִּיךָ), ou seja, por sua intimidade com IHWI, no cumprimento de seu plano, que comportava a doação da vida, o Servo justificará a muitos: em certa medida, a missão de ambos coincide.

⁷⁹³ Trata-se do mesmo verbo — יִשְׂבֹּעַ — nas duas passagens (cf. o comentário a Is 53,10-11).

Identificam-se ainda as duas personagens no tocante à atitude intercessora, embora com diferenças marcantes: Abraão intercede com reiteradas barganhas, ao passo que a doação silenciosa do Servo era a mais expressiva intercessão pelos pecadores e culminância de sua missão (Is 53,12).⁷⁹⁴

10.2.2.3. Outros pontos de contato

Existem ainda outros pontos de contato entre os dois textos, sobretudo em torno da figura de Abraão e aquela do Servo. Obviamente não se pode fazer de Abraão um “servo sofredor”, mas ele é também chamado “servo” em Gn 26,24, num contexto de renovação das promessas.

Talvez seja oportuno lembrar que a figura de Abraão não se esgota no texto de Gn 18,16-33. Em Gn 22, por ex., poderíamos comparar a solicitude de Abraão em oferecer seu próprio filho — o que, de certa forma, equivalia a oferecer a si mesmo,⁷⁹⁵ tal a importância daquele filho — à atitude do Servo: Abraão, ao receber a ordem de Deus, diferentemente de quando ouvira falar do castigo iminente contra Sodoma e Gomorra, não pronunciou uma palavra sequer; ele, que ousara perguntar se seria justo esmagar o inocente com o culpado, agora nem mesmo pergunta a Deus por que deveria sacrificar o próprio filho: este mutismo não seria semelhante àquele do Servo de Is?

⁷⁹⁴ A lembrança da figura de Jesus de Nazaré é espontânea: sua missão pública, que foi precedida por um longo período de silêncio, começou com o anúncio do Reino e tantos outros discursos e parábolas, passou pelos sinais e prodígios que realizou, até culminar no silêncio e abandono da cruz (não sem antes ter intercedido pelos pecadores — “Pai, perdoa-lhes: não sabem o que fazem” (Lc 23,34) —, quando, então, se consumou sua obra: “Quando eu for elevado da terra, atrairei todos a mim... Está consumado” (Jo 12,32; 19,30).

⁷⁹⁵ “A burnt offering involves cutting up and burning the whole animal on the altar and was the commonest type of sacrifice. It seems to have expressed at least two ideas: that the offerer is giving himself entirely to God (for the animal represents the offerer) and that the animal’s death atones for the worshiper’s sin” (WENHAM, gG., *Genesis 16-50*, p. 105).

É difícil saber em que situação haveria mais sofrimento: se em sacrificar a quem a gente ama ou em sacrificar-se por quem a gente ama. Não por acaso, uma série de testemunhas dos últimos séculos a.C. e dos primeiros d.C. esforçou-se para traçar um paralelo entre o Servo sofredor e Isaac (e, implicitamente, Abraão). Ambos dispuseram sua vida ao plano de Deus, e ambos saíram revigorados de tal provação.⁷⁹⁶

Note-se a profunda identificação entre pai e filho, expressa na frase “e foram-se os dois juntos”, repetida como uma moldura que inclui o breve e comovente diálogo (Gn 22,6.8), e no mutismo dos dois enquanto subiam a montanha.

A narrativa conclui-se, mais uma vez, com a renovação das promessas de Deus, acentuando-se agora o tema da posteridade, há pouco ameaçada completamente de extinção, caso o sacrifício se tivesse consumado: “... eu te cumularei de bênçãos, eu te darei uma posteridade tão numerosa quanto as estrelas do céu e quanto a areia que está na praia do mar, e tua posteridade conquistará a porta de seus inimigos. Por tua posteridade serão abençoadas todas as nações da terra, porque tu me obedeceste” (Gn 22,17-18). Tal como Abraão, o Servo é feito oferenda e vê sua posteridade.⁷⁹⁷

Em Is 42, 1**bb**. 3**b**. 4**ab**, o Servo tem a missão de levar o julgamento (מִשְׁפָּט) e ensinar a lei (תּוֹרָה). Igualmente Abraão recebe o encargo de realizar a justiça e o direito (צִדְקָה וּמִשְׁפָּט), e “ensinar o caminho do Senhor” aos seus descendentes (Gn 18,19). Acrescente-se a isto o fato de Abraão e o Servo poderem ser símbolos de um

⁷⁹⁶ „In diese Richtung gehen eine Reihe von Zeugnissen aus den letzten vorschristlichen und den ersten nachchristlichen Jahrhunderten, welche bemüht sind, eine Parallele zwischen dem leidenden Gottesknecht und Isaak zu schaffen: Beide stellen ihr Leben Gottes Plan willig zur Verfügung und sind bereit, es zu opfern; beide gehen aus dieser Probe heil und gestärkt hervor“ (SOGGIN, J.A., *Tod und Auferstehung...*, p. 351).

⁷⁹⁷ “Finally, the suffering servant of Isa 53 seems to combine in his person images drawn from Gen 22 with those of Job. Like Job, the servant’s physical disfigurement makes his contemporaries conclude he is a sinner. Like Abraham the servant makes an offering and sees his offspring (Isa 53:10). But like Isaac, who silently consented to being sacrificed, he was ‘like a lamb that is led to the slaughter... [yet] he opened not his mouth’ (Isa 53:7). And like Isaac he offered himself, rather than anyone else. But unlike Abraham, Isaac, or Job, the servant actually died (Isa 53:8)” (WENHAM, G., *op. cit.*, p. 117). « Le Second Isaïe parle au moins huit fois de la postérité d’Israël, sans compter cinq autres passages des derniers chapitre du livre. Elle constitue l’un de ses centres d’intérêt : à ses yeux, en effet, elle apparaît comme la postérité d’Abraham l’ami de Dieu et comme celle de Jacob, l’élu de Seigneur. A cette postérité sont promises bénédiction, longévité, expansion » (BONNARD, P.-E., *op. cit.*, p. 277-8).

“Israel ideal” enquanto mestres da justiça e portadores da bênção-salvação para todas as nações.⁷⁹⁸

Na visão de Is, o assim chamado “novo êxodo” é a realização plena das promessas de Deus a seu povo (Abraão): o povo resgatado possuirá a terra para sempre, será numeroso, pacífico e próspero, perfeito e reverenciado por todas as nações do mundo.⁷⁹⁹

10.2.2.4. Os sodomitas e o grupo-nós

É possível, além disso, traçar um paralelo entre o “grupo-nós” e os sodomitas. Ambos os grupos eram pecadores. Quanto aos sodomitas, os textos são claros: “Ora, os habitantes de Sodoma eram grandes criminosos e pecavam contra IHWH... O grito contra Sodoma e Gomorra é grande! Seu pecado é muito grave” (Gn 13,13; 18,20). Já vimos que Gn 18,16-33 não deixa claro qual fosse o pecado dos sodomitas (cf. Parte I, 4.2.1), mas o cap. 19 mostrará que se trata de um crime de lesa-hospitalidade e de perversão sexual generalizada, embora, na Escritura, estes não sejam os únicos pecados atribuídos a Sodoma e a Gomorra: acrescentam-se ainda a falsidade, a injustiça, a soberba (Is 1,9-10; Jr 23,14; Ez 16,49-50).

Digno de nota, porém, é o paralelo entre as palavras de IHWH e as dos sodomitas: em Gn 18,19, o Senhor diz que “conheceu” (יָדַעַתִּי) Abraão para que ordene à sua descendência a custódia do caminho de IHWH, realizando *a justiça e o direito*. Em Is 53,11, IHWH diz que o Servo, “pelo seu conhecimento” (בְּיָדָעוֹ), *justificará a muitos*. Em ambos os casos, trata-se de uma iniciativa de IHWH que

⁷⁹⁸ „Was Mose für Israel bedeutete, als er auf dem Sinai den Bund mit Israel vermittelte, ist Israel als zweiter Mose für die Heidenvölker. Durch das prophetische Zeugnis des Ebed-Israel soll der Mosebund ausgeweitet werden, so dass er alle Völker einschliesst. Dieses erweiterte Selbstverständnis erinnert an die Abraham-Verheissung, „sei ein Segen — in dir sollen gesegnet werden alle Geschlechter der Erde“ (Gen 12,2-3)“ (von WALDOW, H.E., op. cit., p. 208).

⁷⁹⁹ « Bref, le nouvel Exode débouchera sur la réussite plénière du dessein de Dieu, su la réalisation totale de ses promesses : le Peuple racheté possédera à jamais la Terre promise, il y sera nombreux, paisible, prospère, parfait et révééré para outres les nations du monde» (BONNARD, P.-E., op. cit., p. 21).

escolhe Abraão, que modela o Servo desde o ventre materno (cf. acima, 6.2.2.2), para uma missão de justificação, de prática do direito e da justiça: “Chamei-te para o serviço da justiça” (Is 42,6).

Ora, os sodomitas, ao dirigirem-se a Lot, exigem que lhes sejam entregues os homens recém-chegados para que “os conheçamos” (וְנִדְעָה אֹתָם — 19,5). Evidentemente, o verbo aqui é usado no sentido de “abusar sexualmente”. É gritante, portanto, o contraste entre as palavras e o propósito de IHHW e as intenções dos sodomitas. Em primeiro lugar, a atitude deles ecoa a arrogância de todas as iniciativas humanas de usurpar uma prerrogativa divina — no caso, querer “conhecer”, o que lembra o pecado de Adão e Eva, buscando o conhecimento do bem e do mal (לְדַעַת טוֹב וְרָע — Gn 3,22); em segundo lugar, com o agravante de se tratar de um desejo de violência sexual contra o próprio Deus, algo que destoia completamente do conhecimento que diz respeito a Abraão e ao Servo de IHHW.

Já a culpa do “grupo-nós” pode ser percebida em suas próprias palavras — “Mas ele foi traspassado por causa das nossas *transgressões*, esmagado por causa das nossas *iniquidades*... IHHW fez cair sobre ele a *iniquidade* de todos nós” (53,5.6b) — e em expressões indiretas: “...ferido pela *transgressão* do seu povo... e levará sobre si as suas *transgressões*... e foi contado entre os *criminosos*, mas na verdade levou sobre si o pecado de muitos e pelos *criminosos* fez intercessão” (53,8b.11b.12c). Quais fossem esses crimes, pecados e transgressões, o texto do IV CSI não esclarece. Seria preciso, quiçá, recorrer sobretudo aos oráculos ameaçadores do Proto-Isaías (1-36) para inteirar-se dos pecados que levaram Israel ao castigo do exílio, visto que o Dêutero-Isaías é, preponderantemente, um livro de consolação (cf. Is 40,1).

Em conseqüência dos próprios pecados, sobre os sodomitas e sobre o “grupo-nós” pairava a iminência do castigo, segundo os parâmetros da doutrina da retribuição. No que toca as cidades condenadas, a ameaça transparece já na frase epítética: “...eram grandes criminosos e pecavam contra IHHW” (Gn 13,13), no olhar certamente nada promissor dos homens no final da visita a Abraão (Gn 18,16), nas palavras de IHHW: “Ocultarei a Abraão *o que vou fazer?*” (18,17), em todo o diálogo, que tem como pano de fundo precisamente a imminente execução da

supracitada ameaça e, por fim, na declaração explícita dos anjos: “Deixai este lugar, porque IHWH vai destruir a cidade” (19,14; cf. Parte I, 4.2.3).

Quanto ao “grupo-nós”, inicialmente eles julgam que o Servo padece um castigo que não lhes diz respeito, para depois reconhecerem que o desprezo e o abandono, a dor e o sofrimento, as feridas e as humilhações, o traspassamento e o esmagamento, os maus tratos e a fadiga e, finalmente, a (possível) morte, tudo isso era o lote que lhes cabia: “O castigo que havia de trazer-nos a paz, caiu sobre ele” (53,5).

Tanto os sodomitas quanto o grupo-nós recebem uma revelação de Deus. A cidade de Sodoma recebe a *visita* de Deus, na figura dos anjos (ao autor bíblico pareceu, talvez, inconveniente dizer que Deus, em pessoa, esteve entre os pecadores). פָּקַדָּהּ é um verbo semanticamente rico: tanto pode indicar uma visita graciosa de Deus (como em Gn 21,1 e Is 29,6, por ex.,) quanto uma visita judicativa (como em Is 13,11: “Punirei o mundo por causa da sua maldade e os ímpios por causa da sua iniquidade; porei fim à arrogância dos soberbos, humilharei a altivez dos tiranos”).

Este verbo não aparece em Gn 18, mas está claro que se tratou de uma visita de Deus: primeiramente a Abraão e a Sara (note-se que em Gn 21,1 se diz que “IHWH visitou Sara — וַיְהִי הָאֵתְּשָׁרָה פָּקַדָּהּ אֶת־שָׂרָה —, como dissera, e fez por ela como prometera”) e, a seguir, a Sodoma, ou, mais precisamente, a Lot, visto que este estava sentado à porta da cidade — como se fora uma grande casa — quando os anjos aí chegaram. A seguir, Lot insiste com eles para que pernoitem em sua morada (Gn 19,1-3), o que lhe redundou em bênção.

Os anjos estavam dispostos a passar a noite na praça. A recusa ao convite de Lot parece ter como objetivo provar a sinceridade da oferta de hospitalidade de Lot⁸⁰⁰, mas é mais provável que contenha um eco daquilo que diz Jr 5,1: “Percorrei as ruas de Jerusalém, olhai, constatai, procurai nas praças se encontráis um homem que pratique o direito, que procure a verdade: e eu lhe perdoarei,⁸⁰¹ diz IHWH”. Se o propósito dos anjos era averiguar o comportamento dos habitantes da cidade, a praça era o lugar mais adequado para isso. Ademais, era também o espaço de denúncia do pecado e anúncio de castigo, o campo das lamentações (Am 5,16) ou até do vaticínio de boas-novas (cf. Is 15,3; 59,14).

O fato de Deus não responder logo com o castigo ao clamor contra as cidades, revela sua magnanimidade e misericórdia: ele quer oferecer aos pecadores a oportunidade de reconhecer “o tempo de sua visita”.⁸⁰² Infelizmente, os sodomitas não souberam acolher os visitantes, à exceção de Lot, não obstante seu comportamento marcadamente ambíguo — era israelita, sim, mas profundamente enraizado em Sodoma (cf. Parte I, 4.3.2); foi ele quem esteve à porta da cidade quando da chegada dos visitantes; foi-lhes ao encontro na praça, insistindo para que pernoitassem em sua casa; no momento mais dramático, chegou a oferecer a própria filha à sanha dos sodomitas; mesmo relutando e pedindo alguma concessão (implorou para refugiar-se em Segor, em vez de fugir para as montanhas, cf. 19,18-20), ele foi o único que acreditou no anúncio dos anjos, na revelação de Deus. Se tomássemos emprestado a pergunta do grupo-nós — “Quem creu naquilo que ouvimos?” (Is 53,1) —, a resposta aqui seria: Lot.

⁸⁰⁰ Cf. PB, nota.

⁸⁰¹ Trata-se de perdoar a cidade.

⁸⁰² Cf. Lc 19,44. Embora Sodoma e Gomorra sejam citadas na Escritura como o protótipo do pecado, Jesus afirma (a propósito de Cafarnaum) que, “se em Sodoma tivessem sido realizados os milagres que em ti se realizaram, ela teria permanecido até hoje” (Mt 11,23; cf. Lc 10,12), e que, no Dia do Julgamento, haverá menos rigor para a terra de Sodoma do que para cidades como Tiro, Sidônia e Cafarnaum (cf. v. 24).

No texto do IV CSI, não aparece o verbo פָּקַד, nem temos alguma cena de visitação, mas nos outros cânticos temos referências à presença do Servo nas ruas, mesmo sem levantar a voz (Is 42,2), ao anúncio de coisas novas da parte de IHHW (cf. 42,9). Em Is 49,1, temos um claro apelo às ilhas e aos povos distantes: “Ouvime! Prestai atenção!”. O Servo agora usa da palavra como de uma espada cortante, num esforço fatigante, desgastante e inútil, em sua própria avaliação (49,4). Da boca do Servo sairão palavras dirigidas aos cativos e aos que estão nas trevas — “Saí!”, “Aparecei!” (49,9), enquanto no III CSI, ecoa a pergunta: “Quem dentre vós teme a IHHW e *ouve a voz do seu servo?*” (50,10).

No IV CSI, a referência a um anúncio é clara já a partir da primeira palavra de IHHW — הָיָה. Na continuação da apresentação do Servo, o Senhor alude ainda aos reis, que verão “coisas que não lhes haviam sido contadas”, e tomarão consciência de “coisas que não tinham ouvido” (52,15). A seguir, o “grupo-nós” fala da notícia que chegou até eles e da revelação do braço de IHHW (Is 53,1). O v. 9 dá a entender também que eles ouviram algum anúncio da boca do Servo, pois afirmam que não houvera engano em sua boca. Aliás, ao que parece, toda a vida do Servo era um grande anúncio que não foi logo compreendido pelo “grupo-nós”: havia tempo que eles o tinham diante de si, pois cresceu diante de IHHW como um renovo de esperança (יִשְׁרָאֵל), e aos olhos deles, como alguém incapaz de atrair o olhar (cf. Parte II, o comentário a Is 53,2).

O aspecto repugnante do Servo não parece, pois, ser consequência de um incidente ocasional em sua existência, algo como uma agressão, tortura ou morte (o que pode ter acontecido no final de sua vida), mas sim, *a aparência de uma vida inteira*, como estão a indicar as palavras do “grupo-nós”: “*cresceu... sem beleza nem formosura... era desprezado e abandonado... sujeito à dor... familiarizado com o sofrimento, não fazíamos caso dele... levava sobre si nossas dores e sofrimentos... nós o tínhamos como vítima do castigo... como ovelhas, andávamos errantes... após o fatigante trabalho de sua alma*”.

Se é lícito falar de uma “biografia” do Servo, pelo exposto deduz-se que foi uma vida marcada pelo sofrimento do abandono e do desprezo de seus companheiros, muito embora, na verdade, ele estivesse nas mãos de IHHW: “Tu és meu... és

precioso aos meus olhos... eu te amo” (cf. Is 43,1-7); “... na sombra da minha mão te escondi” (51,16).

Contudo, à diferença dos sodomitas, que não compreenderam o apelo de IHWH, depois de um longo processo de enganos e julgamentos errôneos, o “grupo-nós” chega a descobrir a verdadeira identidade daquele a quem desprezavam — era nada mais nada menos do que o SERVO de IHWH — e o sentido de sua vida aparentemente amaldiçoada: era ocasião de bênção para eles. Dentre aqueles a quem foi apresentado o Servo — multidões, nações numerosas e reis —, “o grupo-nós” foi quem creu no que ouviu e recebeu a revelação do braço de IHWH (cf. Parte II, 8.2.1).

10.3.

A permanente atualidade da doutrina da retribuição

Como texto marcadamente sapiencial, ancorado no binômio inocente/culpado, a doutrina da retribuição não poderia deixar de orquestrar todo o conjunto de Gn 18,16-33: o cumprimento da promessa está condicionado à observância da justiça e do direito. O clamor contra as cidades está a indicar que ali não se observava o caminho do Senhor, e isto não ficaria impune; com efeito, as cidades foram destruídas. Entre aqueles que estavam prestes a salvar-se, alguém foi inexoravelmente punido por causa da desobediência à ordem divina: a mulher de Lot (Gn 19,26).

A resposta à intercessão de Abraão pode ser lida sob a ótica da retribuição: sua prece não caiu por terra, seus méritos (e, em menor escala, quiçá, os de Lot) não ficaram sem a recompensa (cf. Parte I, 4.3.1). Contudo, a rigidez mecânica do modo de pensar sapiencial, dentro dos moldes da doutrina da retribuição, começa a adquirir matices diferentes na curiosa atitude de Deus: ele não castiga automaticamente, seguindo o esquema ato-conseqüência, mas decide descer para verificar se o clamor procede (Parte I, 1.6.3.1). O modo como o diálogo é conduzido confirma ainda mais a idéia de que a doutrina da retribuição não mais pode ser vista como outrora, pois já se insinua a possibilidade de os méritos dos inocentes mudarem a sorte dos culpados (cf. Parte I, 2.3).

Embora em Is não apareça o binômio inocente/culpado, como em Gn (temos apenas רַשָׁעִים em 53,9 e צַדִּיק em 53,11), podemos perceber que o texto de Is também está pervagado pela teologia da retribuição. Tal forma de pensar é facilmente detectável no raciocínio do “grupo-nós”, que considerava o Servo como alguém punido pelas próprias faltas: “Mas nós o tínhamos como vítima do castigo, ferido por Deus e humilhado” (53,4). No entanto, mais do que no texto de Gn, a doutrina tradicional sofre aqui extraordinária reviravolta; mediante a revelação de IHWH, o grupo-nós adquire nova compreensão da situação do Servo: ele é inocente e sofre em lugar dos pecadores (Parte II, 8.2.3).

Seria a superação definitiva da doutrina da retribuição? Não! Se bem considerarmos, ela mostra outras facetas: esquematicamente, não se alterou, pois alguém pecou (o grupo-nós) e alguém pagou (o Servo). A novidade estaria em que o castigo não caiu propriamente sobre o ímpio, mas o esquema culpa-castigo subsiste, de alguma forma.

Está presente também o esquema mérito-recompensa, pois de modo semelhante, a doação generosa do Servo não ficou sem galardão, ainda que ele não visasse a isso: viu uma descendência e teve vida longa, eterna, nos moldes dos quadros antigos (Gn 50,23; Jó 42,16; Dt 4,26; 11,9).⁸⁰³

Esta doutrina têm fôlego longo. Mesmo um livro como o de Jó, que faz da crítica à doutrina da retribuição o centro de sua problemática, tendo ao sofrimento como leitmotiv, conclui-se com a restituição em dobro de tudo aquilo que Jó perdera (Jó 42,10) — mesmo que isto seja considerado um acréscimo ao livro, uma espécie de “final feliz” para a história de Jó.⁸⁰⁴ No entanto, ainda que abstraíamos o final do livro em prosa, e nos atenhamos ao texto poético, o sofrimento, a busca e o questionamento quase blasfemo de Jó não ficaram sem recompensa: no final, ele

⁸⁰³ „Abschließend äußert in 53,10ag das Volk die Erwartung, daß der Knecht, wie es in herkömmlichen Bildern ... heißt, Nachkommenschaft sehen und lange leben wird“ (E. HAAG, „Stellvertretung...“, 10). „Aber auch der Gottesknecht erleidet Krankheit und Tod nicht zu seiner Verdammung ... sondern auch zu seinem eigenen Heil... Ihm wird — über Leiden und Tod hinaus — langes Leben, Nachkommenschaft, Wohlergehen, ‚Erfolg‘ angekündigt“ (KUTSCH, E., op. cit., p. 195).

⁸⁰⁴ „Das Buch Ijob bleibt in der vorliegenden redaktionellen Fassung (Rehabilitierung Ijobs in der Novelle) trotz aller Kontroversen und Differenzierungen im Dialogteil bei der Gültigkeit des Zusammenhangs von gerechtem Tun und gutem Ergehen, während Kohelet den Glauben daran aufgibt“ (ZENGER, E., *Einleitung...*, p. 360).

adquire nova compreensão do mistério de Deus, o que é seu maior prêmio: “Eu te conhecia só de ouvir, mas agora meus olhos te vêem” (Jó 43,5).

De resto, tal doutrina ainda persiste no Novo Testamento em sua formulação primitiva, como se jamais tivesse sido colocada em questão por nenhum texto antigo (cf. Jo 9,2ss; 1Cor 11,30). Ademais, Jesus promete recompensa não apenas eterna, mas também terrena àqueles que o seguirem (Mc 10,28-30).

10.4.

A dinâmica do pensamento em Gn 18,15-33 e Is 52,13-53,12

O texto do Gn 18,16-33 reafirmou a justiça de Deus que deveria mostrar-se na distinção entre justos e pecadores, na sorte diferente que caberia a uns e a outros. O pensamento aos poucos passou da mera triagem entre inocentes e culpados para a possibilidade de estes serem poupados em vista dos méritos daqueles, mas não ousou ir tão longe quanto o IV CSI. Esse passa da idéia de alguém, erroneamente considerado culpado, porque castigado por Deus, para a descoberta de que era um inocente não castigado, mas que realizava um misterioso desígnio mediante seu sofrimento, e sofrimento substitutivo pelos verdadeiros culpados.

Percebemos, assim, que existe um progresso na reflexão em ambos os textos, ressaltando-se, porém, que Is não somente pressupõe a possibilidade de os méritos do justo favorecerem os culpados, mas até mesmo o inocente padecer o castigo que deveria cair sobre os culpados. Tamanha doação, quando compreendida e aceita, leva à verdadeira conversão que nenhum castigo, por si mesmo, conseguiria produzir (cf. Parte II, 9.2).

Isaías, portanto, introduz precisamente a noção do sofrimento substitutivo: “Historicamente, encontramos-nos perante a fonte donde brotou a idéia do sofrimento

vicário”⁸⁰⁵. Para H. Haag, esta noção constituiria precisamente o tema central do IV CSI, algo absolutamente novo e ápice da revelação do Antigo Testamento.⁸⁰⁶

10.5.

Is 52,13-53,12: síntese da justiça e da misericórdia de Deus

Vale salientar que a Bíblia não é unívoca quanto à questão da justiça e da misericórdia de Deus, mas apresenta diversas perspectivas. Segundo Ez, por ex., o mérito dos justos não tem nenhuma influência no destino dos pecadores: somente os justos seriam salvos (Ez 9,8-10;14,12-23). Já o profeta Jeremias testemunha duas vertentes paradoxais. Em Jr 5,1, lê-se: “Percorrei as ruas de Jerusalém, olhai, constatai, procurai nas praças se encontras um homem que pratique o direito, que procure a verdade: e eu lhe perdorei, diz IHW”. Aqui, portanto, como em Gn 18, o mérito de um justo (ou de dez, em Gn) acarretaria o perdão dos pecadores. No entanto, em Jr 7,16 e Jr 11,14, o discurso é outro: “Mas tu, não intercedas por este povo e não eleves em seu favor nem lamentos nem preces, e não insistas junto a mim porque não te ouvirei”.

Em Ez 5,3-4, existe a possibilidade de um pequeno resto ser preservado (cf. Is 4,3), enquanto em Ez 9, 4, o profeta recebe a ordem de assinalar com um sinal a testa daqueles que não seriam exterminados porque “gemem e choram por causa de todas as abominações” que se fazem na cidade. Não há, porém, nenhuma alusão à possível influência desses “justos” na sorte reservada aos condenados.

⁸⁰⁵ VOLZ, P., Jesaja 53, p. 185.

⁸⁰⁶ „Aber sogleich wird mit aller Deutlichkeit das Thema des *stellvertretenden Leidens* angeschlagen, das das eigentlich Thema unseres Liedes ist... Daß ein Mensch durch seinen Tod, und zwar durch seinen freiwilligen Tod, die Sünde hinwegnimmt; daß er wieder zum Leben zurückkehrt und ein geistiges Reich gründet, ist in der Offenbarung des Alten Testaments etwas absolut Neues... Wie weit auch unter den Auslegern die Auffassungen über den Sinn unserer Lieder auseinandergehen mögen: darin sind sich doch alle einig, daß die Offenbarung des Alten Testaments in ihnen ihren Gipfel erreicht hat“ (HAAG, H., Das Lied..., p. 5).

Esta é a questão de fundo em Gn 18,16-33, onde se entrevê a possibilidade de que o mérito dos justos possa realmente alterar o destino dos pecadores. Exatamente neste ponto é que os textos de Gn e de Is se tocam, pois este último é que leva a termo aquilo que em Gn foi debatido e insinuado, mas não levado às últimas conseqüências.

Por conseguinte, de certa forma, Is 52,13-53,12 harmoniza as noções contidas em Gn 18; Jr 5 (e Ez 14): assim como em Gn e Jr os culpados seriam poupados pelos méritos dos justos, em Is 53 os “muitos” são justificados, salvos pelo comportamento e doação do Servo. Ao mesmo tempo, embora de forma paradoxal, os culpados também são ‘castigados’: a pena que eles mereciam foi, aliás, plenamente imposta, só que não sobre eles, mas sobre o justo, o Servo.⁸⁰⁷ Esta seria a grande novidade de Isaías: a presença do Servo não afugenta o castigo; ela por assim dizer, atrai-o para si, transformando-se numa doação que realiza o plano do Senhor.⁸⁰⁸

⁸⁰⁷ „Nach der einen Auffassung, die in Gen 18,23ff. in den Bitten Abrahams um die Bewahrung von Sodom zu Wort kommt, bewirkt eine bestimmte Zahl von Gerechten, in diesem Falle von zehn, daß die Frevler verschont werden. Nach der anderen Auffassung von Ez 14,12ff. werden nur die Gerechten selbst gerettet, die Frevler dagegen müssen untergehen. Beides wird in Jes 52,13-53,12 in der Weise miteinander ausgeglichen, daß die Frevler durch den Knecht gerettet werden, daß aber auch die ihnen gebührende Strafe vollstreckt wird, jedoch nicht an ihnen, sondern an dem einen Gerechten, dem Knecht“ (FOHRER, G., op. cit., p. 40).

⁸⁰⁸ „Diese beiden Fäden werden nun in Jes 53 miteinander verflochten. Nach Gen 18; Jer 5 wird das gottesfürchtige Verhalten des bzw. der Gerechten *allen*, auch den Gottlosen, angerechnet. Ebenso werden in Jes 53 die ‚Vielen‘ durch den Gottesknecht, der selbst nicht Gewalttat getan hat und in dessen Mund kein Trug war, der also ‚gerecht‘ war, gerettet, ‚geheilt‘ (v. 5). Aber... die von den Gottlosen verwirkte Strafe wird auch vollstreckt! An die Stelle der Vergebung tritt hier der Vollzug der Strafe. Allerdings — und als ist das Neue, das die Verbindung der beiden an sich divergierenden Linien ermöglicht: die Strafe wird nicht an denen vollstreckt, die sie verwirkt haben, an den Gottlosen, sondern an dem Gerechten. Nicht durch seine Anwesenheit allein rettet sie der eine Gerechte — dann würde die Strafe ja gestrichen —, sondern dadurch, daß er Schuld und Strafe der vielen auf sich nimmt. Die Strafe, die der Gerechte, der Gottesknecht, trägt, kann für die Vielen angerechnet werden, weil Gott sein die Strafe umfassendes Leiden und Sterben annimmt als *asham*, als Sühneleistung für die Vielen“ (KUTSCH, E., op. cit., p. 195).

10.6. A mensagem de Gn e de Is

Os diversos paralelos que traçamos entre os textos mostraram, para além das diferenças específicas, que existem inúmeras semelhanças entre eles, quer na forma, quer no conteúdo, mesmo que um texto não dependa do outro. Caso nos seja permitido um arremate quanto à mensagem a um tempo específica e complementar dos textos, diríamos o seguinte:

Se em Abraão, a promessa de uma descendência se cumpre em forma de bênção por causa de sua obediência ao comando de Deus, em Is o Servo verá a descendência se ele mesmo se oferecer em sacrifício (considerado uma maldição pelos espectadores). As promessas aqui são cumpridas num modo inverso: a bênção vêm através da “maldição” que recai sobre o Servo.⁸⁰⁹ A punição, valentemente suportada, permitiu ao servo compensar uma multidão de pecados, triunfar sobre o ódio e o mal, tornando-se capaz de dispensar a todos a paz e a cura, além de reunir aqueles que estavam dispersos como ovelhas desgarradas.⁸¹⁰

Constata-se igualmente o ato “destrutivo” de Deus: os opressores foram, de alguma forma, destruídos, isto é, as mesmas pessoas foram transformadas, sobrando deles apenas os companheiros e irmãos. Para lograr este intento, Deus recorreu ao inesperado, ao paradoxal e desconcertante: “destrói”, aos olhos dos de fora, até mesmo seu Servo, o justo. Isto os leva a uma profunda e radical mudança.

Com efeito, em Gn 18,16-33, é possível vislumbrar algo como solidariedade, “intercessão”, compaixão para com os pecadores por causa dos méritos dos justos. Nisto Abraão introduz uma novidade e sua figura se aproxima daquela do Servo, pois os grandes intercessores não costumavam pedir por um povo estrangeiro.⁸¹¹ Efetivamente, a intercessão é uma forma de ‘substituição vicária’, na qual o intercessor, como mediador, arrisca a própria vida para interpor-se na disputa entre

⁸⁰⁹ „Er ist auf den Widerstand derer getroffen, zu denen er gesandt war und denen er ein Segen sein sollte“ (von WALDOW, H.E., op. cit., p. 209).

⁸¹⁰ « Vaillamment endurée, la punition a permis au Serviteur de compenser tant de péché, de triompher si bien de la haine et du mal, qu’il peut maintenant dispenser à tous la ‘paix’ e la ‘guérison’. Il apporte également l’unité au troupeau humain dispersé. » (BONNARD, P.-E., op. cit., p. 274).

⁸¹¹ Cf. Ibid., p. 279-280; GUNKEL, H., op. cit., p. 203.

Deus e as pessoas, buscando desviar a vontade aniquiladora de Deus e instaurar novo relacionamento entre Deus e as pessoas. Agindo assim, ele incorre numa zona de grande perigo, pois para os acusados trata-se de uma questão de vida ou de morte.⁸¹²

Contudo, não obstante as diversas formas de substituição vicária já detectáveis no AT, nenhum texto foi tão longe quanto o de Is a ponto de colocar a figura do próprio justo em lugar do pecador, fazendo-o padecer os sofrimentos até então previstos somente para os iníquos. Na qualidade de mártir e de intercessor, o servo reuniu em seu comportamento a atitude das vítimas oferecidas em sacrifício de expiação e a atitude dos amigos de Deus, ciosos de interpor-se entre Deus e seus irmãos, como Abraão e tantos outros profetas.⁸¹³

No IV CSI, a função do intercessor, que se põe diante de IHHW e que a muitos justifica, é transferida a um mediador que não apenas intercede, mas que, mediante a entrega da própria vida, intervém junto de Deus pelos pecadores:⁸¹⁴ “Sua paixão e morte foram ‘intercessão’ aceita, seu silêncio foi ouvido”.⁸¹⁵

A mensagem o IV CSI constitui uma novidade absoluta em todo AT, encontrando somente um paralelo na interpretação que o NT faz da figura do Servo, identificando-o com Jesus Cristo.

⁸¹² „Der Interzessor ist ein Mittler, der — bis zur Gefährdung der eigenen Existenz — stellvertretend in den durch jene Verschuldung zwischen Gott und Mensch/Israel entstanden ‚Riß‘ tritt in der Absicht, durch sein ‚Dazwischentreten‘ den Vernichtungswillen JHWH abzuwenden und so ein heilvolles Gottes-Mensch/Israel—Verhältnis zu inaugrieren. Als stellvertretendes Handeln vollzieht sich das ‚Eintreten für andere‘ immer in einer Zone besonderer Gefährdung, weil es für den Schuldigen nicht um ein beliebiges Geschick, sondern um Tod oder Leben geht“ (JANOWSKI, B., *Stellvertretung*, p. 27-28).

⁸¹³ « En posture de martyr innocent et de patient intercesseur, il a réuni dans son comportement l’attitude des victime offertes en en sacrifices d’expiation (courant cultuel) et l’attitude des amis de Dieu soucieux de s’interposer entre Dieu et leurs frères, comme Abraham, Moïse, Amos, Isaïe, Jérémie et Ézéchiél (courant prophétique) » (BONNARD, P.-E., op. cit., p. 44).

⁸¹⁴ „Im vierten Ebed-Jahwe-Lied wird die Funktion des Fürsprechers, der auf Jahwe ‘eindringt’ und ‚die Vielen rechtfertigt‘, auf einen kommender Mittler übertragen, der nicht mehr nur durch Fürbitte, sondern durch den Einsatz des eigenen Lebens sich vor Gott für die Sünder verwendet (SCHARBERT, J., *Die Fürbitte in der Theologie des Alten Testaments*, p. 332).

⁸¹⁵ *BP*, nota a 53,11b-12.

O mistério de Cristo sempre foi compreendido à luz dos cânticos, especialmente de Is 53. Hoje não é tão evidente o significado cristológico de Is 53: é preciso compreender o texto plausivelmente em si mesmo. Isto não significa que não exista nenhuma conexão entre ele e o anúncio da morte de Jesus. Ao contrário, significa que o texto veterotestamentário tem sua verdade própria, e não somente a partir do NT.

A compreensão comum aos dois testamentos, de que o sofrimento e a morte do justo não desembocam no malogro e no absurdo, torna compreensível por que as testemunhas neotestamentárias aceitaram a tradição do justo sofredor: a fim de, graças a seu *typos*, compreender mais precisamente a morte de Jesus.

Segundo H. Waldow, se levarmos o texto até as últimas conseqüências, teríamos de dizer que o próprio Deus, em seu Servo e representante, teria morrido para a salvação do mundo. Esta idéia, porém, só teria sido desenvolvida no NT. O texto só chega a dizer que o Servo, depois de seu sofrimento vicário, subsistirá naqueles que acolheram sua doação; desta forma, o plano de Deus se cumpriu.⁸¹⁶

Em todo caso, não se trata de destruição,⁸¹⁷ mas de per-dão, de auto-doação do servo, que de certa forma antecipa as palavras do Senhor quanto ao destino da semente: “Se o grão de trigo que cai na terra não morrer, permanecerá só; mas se morrer, produzirá muito fruto” (Jo 12,24).

⁸¹⁶ „Führt man diesen Gedanken bis zur letzten Konsequenz durch, dann scheint dieser Text irgendwie in geheimnisvoller Weise anzudeuten, dass Gott selbst sterben musste für das Heil der Welt. Jedoch es war erst dem Neuen Testament überlassen, derartige Gedanken zu entwickeln. Dieser alttestamentliche Text geht nur so weit, dass er sagt, nach seinem stellvertretenden Tod wir der Ebed weiterleben in denn, die sein Opfer angenommen haben... und auf diese Weise wir der Plan Gottes doch noch zu seinem Ziele kommen“ (von WALDOW, H.E., op. cit., p. 210).

⁸¹⁷ « Ces souffrances en effet n'étaient pas destructrices, mais éducatrices : elles constituaient une 'correction' (*mûsar*), une sanction pénible certes mais finalement bienfaisante » (BONNARD, P.-E., op. cit., p. 273).